

# I Simpósio de **HARMONIA** da FAP

Curitiba, 24 e 25 de novembro de 2005

## **Harmonia – Estudo Acadêmico e Prática Musical**

*Sérgio Deslandes*  
*Faculdade de Artes do Paraná*

Boa Tarde!

É um prazer imenso poder iniciar os trabalhos deste *I Simpósio de Harmonia da FAP*, pois já vão quatro anos desde que o prof. Geraldo, o prof Dráusio e eu tivemos a idéia de reunir vários professores para discutir este assunto que tantos debates acalorados causa.

A FAP surgiu de um curso de música, e estará completando em 2006 seus 50 anos de existência, muito maior e muito mais abrangente – artisticamente falando - do que como começou.

Há quatro anos atrás trabalhávamos na criação do Curso de Música Popular e discutíamos sobre a forma de cifragem que havia se tornado padrão a partir do lançamento dos SongBooks da Lumiar Editora, e sonhávamos em chamar o próprio editor – Almir Chediak – para participar deste encontro.

Alguns meses depois (25/05/03) tivemos a triste notícia de sua estúpida morte, e o nosso encontro entrou numa espécie de banho-maria letárgico, até porque tivemos a primeira turma de Música Popular, a reformulação de Educação Artística para Licenciatura em Música, e posso garantir que não foi pouco trabalho...

E os debates acalorados em torno da disciplina Harmonia não só continuaram com se amplificaram.

A maioria de nossos alunos entra na FAP com um conhecimento musical “desnivelado”, e é comum as turmas estarem formadas por níveis diferentes de domínio prévio da matéria.

Alguns só sabem as cifras (para as quais ainda não existe padrão), outros já leram (por cima) o Volume 1 do Chediak, outros já terminaram o curso do Ian Guest, alguns só estudaram pelo Hindemith, uma parte só conhece o Zamacois e acham que é o único certo, é o único que “presta”...

Nós esperamos que com este I Simpósio, em que conseguimos reunir tantos professores de alto nível, possamos jogar um pouco de luz sobre as trevas da ignorância de quem ainda pensa na Arte sob a ótica de prestar ou não prestar (como faziam os nazistas), ou sob a ótica de que a “minha harmonia é a certa” e a dos outros é a “errada”!!

# I Simpósio de **HARMONIA** da FAP

Curitiba, 24 e 25 de novembro de 2005

Acreditamos que o que existem são caminhos e soluções apropriadas para os problemas musicais inerentes a cada período histórico e estilos diferenciados da música ocidental.

Antes de encerrar minha fala, quero agradecer à prof<sup>a</sup> Jussara que aceitou encabeçar este trabalho insano de organização e luta burocrática para que o Simpósio pudesse acontecer, ao Hélio nosso responsável pelo setor de Extensão e a toda equipe que trabalhou na organização do evento.

Não temos a pretensão de achar que sairemos daqui com uma padronização do sistema de cifragem, e nem que os alunos vão passar a gostar da matéria ..., mas se os participantes após estes dois poucos dias conseguirem aperfeiçoar sua percepção sobre o Fenômeno Sonoro Simultâneo, e conseguirem vislumbrar a quantidade de Cultura (em sentido amplo) e Filosofia que há subjacente em cada teoria harmônica, nós nos sentiremos bem felizes.

Obrigado.

**Harmonia: estudo acadêmico e prática musical**

**Geraldo Henrique Torres Lima**  
**Faculdade de Artes do Paraná**

O problema colocado por esse título não surge no título propriamente. Não se trata de uma especulação teórica e sim de uma observação de ordem prática. Ele justapõe – e não opõe – dois aspectos da área do conhecimento humano – realidade também presente na música há muito tempo. Ele traz em seu bojo também a problemática que envolve as questões sobre prática e teoria.

A academia – palavra que herdamos do Latim *academia*, que por sua vez veio do Grego *Akademía* e de *Akádemos* – é o lugar, escola, onde se ministra instrução; era, na Grécia, a seita dos filósofos acadêmicos, da escola de filosofia platônica. Hoje tem, também, o significado de escola de ensino superior.

O que fica claro, com isso, é que o ensino, como instituição, é uma prática muito antiga. No caso da música ocidental, a academia foi difundida após o momento em que o conhecimento musical deixa de ser um privilégio do clero cristão – o que não significa que não houvesse academia dentro do clero.

Para haver ensino sistematizado, necessariamente há teoria pensando sobre uma prática. A história da música está repleta de casos de teoria musical. A partir do século IX, já se encontram tratados teóricos sobre órgão, construção dos tubos e técnicas de execução. Em 1619, Michael Praetorius escreveu seu tratado de música chamado *Syntagma Musicum*, um compêndio de três volumes abordando sobre música germânica, instrumentos musicais e sua execução. Joseph Fux escreveu seu tratado de contraponto *Gradus ad Parnassum*, a primeira obra sobre contraponto, que foi referência para Mozart, Beethoven e até Brahms. E Rameau escreveu o primeiro tratado de harmonia que igualmente foi estudado por inúmeros outros músicos. Depois deles, muitos outros teóricos apresentaram suas contribuições e contemporaneamente dispomos de um importante conjunto de obras que refletem sobre a problemática da harmonia em música.

Se há tanto esforço para teorizar sobre música e se tantos compositores já se valeram desse arsenal para alavancar seu desenvolvimento, no mínimo vamos supor que seria saudável refletirmos nossa prática musical à luz das teorias disponíveis. Mas, não é sempre assim que isso ocorre. Muito freqüentemente vemos praticantes musicais recusarem dessa contribuição disponível e acabarem re-descobrimo o Ovo de Colombo.

Quando alguém fica deslumbrado com um procedimento harmônico praticado

# I Simpósio de **HARMONIA** da FAP

Curitiba, 24 e 25 de novembro de 2005

durante a Bossa Nova poderia, opostamente, concluir com ar de sabedoria: Ah! foi do Debussy que isso saiu! Se analisarmos a canção *Nuit d'Étoile*, que Debussy compôs aos 14 anos de idade, vamos ver que muitos dos modelos presentes no Jazz e na MPB instrumental já estavam lá.

O que podemos muitas vezes observar em nosso cotidiano é a ênfase no «fazer» em detrimento do «pensar o que fazer». Essas duas formas de praticar o conhecimento deveriam andar mais juntas. Nós acreditamos verdadeiramente que o estudo acadêmico tem muita contribuição a dar à prática musical. É por isso que estamos reunidos aqui para teorizar.